

ESPECIALIDADES MÉDICAS - CLÍNICA MÉDICA

José Antônio Atta

O que é ser clínico geral? O que me motivou a tal?

Vou começar pelo meu começo, ou seja, o que me chamou para a clínica geral. Entrei na faculdade de medicina já com a idéia de ser psiquiatra, provavelmente psiquiatra infantil. Os quatro primeiros anos foram uma tortura, fazia uma faculdade que demandava minha atenção, mas ao mesmo tempo estudava coisas que eram, no máximo, interessantes... Tinham pouco a ver com o que almejava para meu futuro. Todos esses anos quis largar a faculdade e fazer psicologia (se minha idéia era ser psicoterapeuta, melhor fazer psicologia, seria mais rápido e mais interessante). Meu pai, médico, não me deixou desistir, me convenceu todos esses anos a persistir na faculdade. Aí chegou o quinto ano, meu primeiro estágio de internato: pediatria. Agora comecei a ficar encantado com o que é ser médico, ou seja, agir profissionalmente para aliviar sofrimentos e propiciar bem-estar. Logo depois fui para a cirurgia, onde novamente tive ótimas oportunidades de atuar como “quase” médico, o que me deu muito prazer. É claro que tive que correr muito atrás do prejuízo, pois a minha base de conhecimento deixou muito a desejar...

Em todo esse período, um homem muito importante estava sempre presente, o Prof. Antonino dos Santos Rocha, tio de um grande amigo meu (e colega de panela). Visitávamos o Rocha regularmente, e ele nos encantava com seu vasto conhecimento, seu entusiasmo pela medicina e pela clínica em especial. Nesse ano ainda, defini que não seria mais psiquiatra, estava em dúvida entre a clínica e a pediatria (talvez infectologia,

talvez patologia). No sexto ano, o Rocha novamente foi crucial, pois no estágio de clínica médica no HU ele esteve sempre presente, passando visitas, discutindo casos etc, Tive também assistentes muito interessados no HU e pacientes marcantes, que acabaram pendendo a balança para o lado da clínica. Na hora de marcar a opção para o concurso da residência, nem tive dúvidas para marcar a clínica médica.

O começo da residência confirmou minha opção, e desde então não me arrependo de minha escolha pela clínica. Nesse período começou uma nova preocupação: qual subespecialidade escolheria? A cardiologia me encantava, a imunologia me intrigava, a nefrologia e a pneumologia eram bastante excitantes... Na impossibilidade de me definir por uma dessas, decidi fazer o segundo ano em clínica geral (quando fiz residência era obrigatório apenas um ano de clínica médica), o que me permitiria pensar mais sobre a escolha da subespecialidade. Ao final, a clínica geral se mostrou de todas as subespecialidades clínicas a mais fascinante, e decidi permanecer nela. Fiz o terceiro ano da residência em clínica geral e, no meio desse ano, já fui contratado como assistente.

Desde então trabalho no hospital das clínicas. Já no meu primeiro ano como contratado comecei a dar aulas, outro fator estimulante para minha escolha profissional. Mas desde o início, muitas dúvidas persistiam sobre se não valeria a pena fazer outra subespecialização, qual seria meu futuro profissional, o que esperar da clínica geral etc.

No âmbito do hospital das clínicas e da FMUSP, o serviço e a disciplina de clínica geral foram se

firmando, sob a tutela do professor Rocha, e fomos firmando uma identidade. A morte do prof. Rocha foi um baque enorme para todos os que o conheciam, mas também para a faculdade e o hospital. Nesse período, muito se discutiu sobre a necessidade de um serviço de clínica geral em um hospital terciário, chegando inclusive a ser fortemente cogitada a extinção do serviço e a distribuição de seus leitos entre as outras especialidades clínicas. Nesse momento crucial para nossa faculdade, a liderança do Prof. Milton de Arruda Martins, que assumiu a regência da disciplina junto com o prof. Marcelo Marcondes (da nefrologia), foi fundamental para que a extinção da clínica geral não acontecesse. Esse período turbulento levou a muitas discussões sobre qual o papel de um serviço de clínica geral em um hospital terciário, qual a inserção do clínico geral no mercado de trabalho e qual o futuro da subespecialidade.

Qual então o papel da clínica geral nesse ambiente terciário? O que é ser um clínico geral hoje, em uma época de altíssimo desenvolvimento tecnológico e com conhecimentos específicos cada vez mais difíceis de serem adquiridos por subespecialistas, quanto mais por médicos generalistas?

O clínico geral é treinado em toda sua formação para desenvolver amplamente sua capacidade de raciocínio diagnóstico, e, de forma geral, tenta buscar o(s) diagnóstico(s) mais apropriado(s) para esse paciente, em contraponto a alguns subespecialistas, que se preocupam mais em afastar diagnósticos de sua especialidade. Assim, um nicho bem apropriado para o clínico geral é o de diagnosticador, o primeiro médico a ser procurado por pacientes com queixas, ainda sem diagnóstico firmado.

Outra das características do clínico geral é a

capacidade de visão mais integral do paciente, não o encarando como um conjunto de órgãos e sistemas isolados e independentes. Assim, pacientes com múltiplas comorbidades provavelmente serão mais bem assistidos por um clínico geral que por vários especialistas. Além desses, pacientes que apresentam doenças de alta prevalência também podem (e devem) ser assistidos por clínicos gerais. Obviamente em todas essas situações os subespecialistas são peças fundamentais para, como interconsultores, auxiliar na condução de casos mais complexos.

Mais uma característica da subespecialidade é a promoção da saúde e de hábitos saudáveis de vida. Obviamente todos os médicos devem se preocupar com promoção da saúde, mas o clínico é o profissional mais apropriado para levantar essa discussão com seus pacientes de forma sistemática e que deve incorporar essa rotina em sua prática diária.

Novamente, pela sua característica mais abrangente, a avaliação de risco cirúrgico também é uma área de atuação do clínico. Subespecialistas tendem a fazer avaliação de risco mais voltada para suas especialidades, “esquecendo” os outros sistemas também envolvidos no estresse cirúrgico.

No âmbito de um hospital terciário/quaternário, a clínica geral tem papel fundamental tanto em enfermarias quanto em ambulatórios, realizando essas atividades. É também importante como interconsultora, principalmente para as especialidades cirúrgicas, fazendo diagnósticos de alterações clínicas e acompanhamento conjunto de pacientes selecionados.